

**CRISE ECOLÓGICA E CRISE(S) DO CAPITALISMO: O SUPORTE DA
TEORIA MARXISTA PARA A EXPLICAÇÃO DA CRISE AMBIENTAL***

**ECOLOGICAL CRISIS AND CRISIS OF CAPITALISM: THE MARXIST
THEORY OF SUPPORT FOR THE EXPLANATION OF THE
ENVIRONMENTAL CRISIS**

Maria Beatriz Oliveira da Silva**

Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

RESUMO

O objetivo principal deste artigo é, através de uma abordagem interdisciplinar e dialética¹, trazer alguns elementos de reflexão e análise acerca da atual crise do capitalismo e da (também atual) crise ecológica, bem como, resgatar algumas concepções e categorias marxistas para ensaiar uma resposta à seguinte questão: Existe uma relação entre a crise ambiental e a crise do capitalismo e, em que medida, a análise da crise ambiental pode encontrar suporte na teoria Marxista?

Palavras-chave: Capitalismo. Crise. Meio-Ambiente. Marxismo.

RESUMÉ

L'Objectif principal de cet article est, en suivant une approche interdisciplinaire et dialectique d'apporter quelques éléments de réflexion et d'analyse sur la crise actuelle du capitalisme et de la tout aussi actuelle crise environnementale. Mais aussi de reprendre quelques uns des concepts et des catégories marxistes pour essayer de répondre à la question suivante: existe-t-il une relation entre la crise environnementale et la crise du capitalisme? Dans quelle mesure son analyse peut-elle trouver des outils dans la théorie marxiste?

Mots-Clés: Capitalisme. Crise. Environnement. Marxisme.

ABSTRACT

The main objective of this paper is, following an interdisciplinary and dialectical provide some food for thought and analysis on the current crisis of capitalism and the equally current environmental crisis. But also to regain some of the concepts and Marxist categories to try to answer the following question: Is there a relationship between the environmental crisis and the crisis of capitalism? To what extent his analysis can she find tools in Marxist theory?

Keywords: Capitalism. Crisis. Environment. Marxism.

* Recebido em 15.11.2011. Aprovado em 22.12.2011.

** Professora do departamento de Direito da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM. Doutora em Direito pelo CRIDEAU (Centro interdisciplinar de direito Ambiental e Urbanismo) da Universidade de Limoges, França, sob a orientação do professor Michel Prieur.

¹ Especialmente no sentido de buscar explicitar as contradições que Marx apontou na lógica do sistema capitalista.

1. A título de introdução: Marx - o (eterno) retorno ***

Com a queda do muro de Berlin o mundo capitalista foi tomado por uma euforia delirante acompanhada de uma virulenta ofensiva ideológica. Nas últimas duas décadas o mundo acadêmico embasado nas «teorias do fim»: fim da história, fim das ideologias, fim da validade da teoria do valor, fim do trabalho e da sua ontológica centralidade na reprodução da vida social, fim das classes sociais e, por consequência, fim de qualquer projeto coletivo de emancipação humana – catalogou como «dinossauros» os que não abdicaram das ideias de Marx. Não lembramos com exatidão, em qual de suas crônicas, Luís Fernando Veríssimo, com sua fina ironia e humor, declarava que nada tinha contra os dinossauros, essas simpáticas criaturas que povoaram a terra nos seus primórdios – preferia os dinossauros às baratas que a tudo se adaptam.

Muitos dos que haviam enterrado Marx e já estavam perfeitamente adaptados e acomodados nas «evidências» pós-modernas, assistem com espanto, ele saltar de forma avassaladora das prateleiras das livrarias chegando a ser campeão de vendas em alguns países da Europa. O fato é que o capitalismo contemporâneo se parece muito mais com as previsões de Marx do que com as projeções míticas anunciadas pelos arautos do (neo) liberalismo e da economia política²; e está, principalmente, na necessidade de explicações à atual crise capitalista, o retorno do velho e insuperável Marx.

Logo após a última crise de Wall Street, Eric Hobsbawm defendeu em uma entrevista³, a atualidade da obra de Karl Marx e o renovado interesse que vem despertando nos últimos anos. Mas, ao mesmo tempo em que o autor defende a necessidade de se voltar a ler Marx, adverte que “os seus escritos não devem ser tratados como programas políticos, mas sim como um caminho para entender a natureza do desenvolvimento capitalista”. Para Hobsbawm, Marx permanece sendo um soberbo pensador para a compreensão do mundo e dos problemas que devemos enfrentar.

*** Parte do conteúdo deste artigo foi apresentado no I Congresso Internacional Direito e Marxismo (1;2011 mar.:Caxias do Sul, RS), 683-692, sob o título Crise(s) do Capitalismo e crise ambiental: crises que se cruzam no caminho do marxismo.

² Conforme defende Mauro Luis Iasi em “*Marx e a crise: os fantasmas agora são eles*”. Disponível em http://www.socialismo.org.br/portal/images/stories/documentos/Marx_e_a_crise.pdf. Acesso em 5/2/2011

³ HOBBSAWM, Eric. *A crise do capitalismo e a importância atual de Marx*. Entrevista disponível em <http://historiaemprojetos.blogspot.com/2008/09/entrevista-eric-hobsbawm.ht>

Um dos problemas a ser enfrentado neste mundo de “crises” ou de “crise” multifacetada é o da crise ambiental. A questão é saber, em que medida, esta crise se relaciona com a crise do capitalismo e, em que medida, a sua análise pode encontrar suporte na teoria Marxista, visto que a questão ambiental não é prioritária na obra de Marx. Mas, antes de entrar na temática ambiental, vamos a uma resumida análise da atual crise capitalista.

2. Uma nota sobre a(s) crise(s) do capitalismo de uma perspectiva marxista

Em “O Capital” Marx explora a tendência do capitalismo em gerar crises de dois tipos: um tipo mais específico, que pode ser chamado de crise econômica de acumulação devido à tendência para a queda da lucratividade, e o outro, são as crises periódicas de acumulação que devem ser vistas como manifestações de uma crise geral, sempre crescente, do capitalismo.⁴ Marx evidencia o caráter cíclico das crises, mas, este retorno periódico, ao mesmo tempo se aprofunda, o que significaria dizer que dentro de toda a crise conjuntural há uma crise estrutural que cresce, gerando crises sistêmicas que, segundo muitos, é a que nos encontramos no momento.

Assim, tratando-se da crise do capitalismo pode-se dizer, de forma sintética que, para Marx, a razão está na própria irracionalidade do processo produtivo que conduz este sistema a uma crise permanente, provocada por causas distintas, na perpétua guerra da produção de mercadorias e acumulação do lucro.

O professor César Benjamim em artigo intitulado “Relendo Marx”⁵ observa que Marx concluiu que o capital procuraria ampliar suas possibilidades de acumulação na forma D-D’⁶ na qual nunca deixa de existir como riqueza abstrata, e anteviu, quando essa

⁴ MARX, Karl. *O Processo de produção do capital*. O Capital - Volume I Livro I. (Os Economistas) São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.

⁵ Publicado na Revista Princípios - Especial n° 100- *Crise para onde vão o mundo e o Brasil?* Março /abril, 200 p. 84-88

⁶ Que começa na relação mais simples e direta que é M- M, ou seja, a troca de qualidade, de mercadoria por mercadoria; mas, para que o espaço mercantil se desenvolvesse, o dinheiro passa intermediar o ato de troca que assume a forma M-D-M. O processo avança para um novo desdobramento: D- M -D’, pois a posse do equivalente geral torna-se mais interessante do que a de uma mercadoria específica, fazendo com que desapareçam as duas pontas do processo. Liberadas dos estreitos limites do valor de uso, as relações de troca se expandem ainda mais colocadas a serviço da ampliação da riqueza abstrata, ilimitada por definição. O que está na gênese do mundo atual foi a inclusão no circuito do dinheiro, da força de trabalho humana(FT), da terra (T), e os meios de produção(MP): D- [FT+T+MP]-M -D’. Agora o circuito

fórmula se tornasse predominante, a civilização do capital entraria em crise, e aqui, trata-se de uma crise civilizatória, muito mais ampla do que as crises cíclicas do capitalismo. Esta forma D-D' significa a completa financeirização da economia através de um capital fictício, sem lastro produtivo e, como bem observa o professor Benjamin, onde “tudo é dinheiro”. O que restaria saber, em primeiro lugar, é se esta crise é, realmente, uma “crise de civilização”.

2.1 Uma crise de civilização?

“Une Crise de Civilisation?” é a questão-título de um colóquio promovido pelo «Espaces Marx»⁷, que trazia esta questão como desencadeadora de outra série de outras questões, entre elas:

- Há “crises” ou estamos vivendo uma grande “crise planetária” de múltiplas dimensões?
- Crise financeira, crise da economia real e do trabalho, crise da dívida, crise social... em que estado nos encontramos e como se articulam estas crises?
- Estas crises não seriam dimensões de consequências de uma crise do conjunto do modo de acumulação capitalista financeirizado em escala mundial?
- Estas crises ou esta crise produzem contradições de condições e de potencialidades novas que podem constituir pontos de apoio de uma transformação emancipadora?
- A questão de saber que humanidade queremos ser e que vida queremos viver não nos obriga a uma nova concepção e articulação do social, do ambiental, da solidariedade e da cultura ao centro do desenvolvimento?

mercantil se completa e a produção é produção de mercadorias. Mas Marx percebeu que o capitalismo não se detém aí, e que procuraria ampliar as suas possibilidades de acumulação na forma D- D'. O estudo específico deste circuito na sua forma mais avançada é o objeto de O Capital

⁷ De 28 a 29 de janeiro de 2011, no Espaço Niemeyer, 6 avenue Mathurin Moreau, 75019, Paris, França. Com a participação da Transform e da Fondation Gabriel-Péri, reuniu filósofos, economistas, sociólogos, historiadores, sindicalistas e militantes políticos, com o objetivo de dimensionar a crise global que atravessamos

Inúmeras outras questões foram postas e muitas respostas foram ensaiadas, mas não é nosso propósito relatá-las nos limites deste artigo. A quem interessar possa, as intervenções estão disponibilizadas em vídeo (online)⁸, mas já podemos adiantar que o debate apontou para uma crise estrutural e sistêmica do capitalismo que, poderíamos dizer, resumidamente, se apresenta em três níveis: Crise econômico-financeira; crise social; crise ecológica - que irão desdobrar-se em um conjunto imenso de outras crises (alimentar, energética, do trabalho, cultural, ética, etc...) e que redundam, finalmente, em uma crise de civilização.

Neste debate, a crise ambiental foi colocada como um dos níveis ou dimensões da crise do capitalismo. Em seguida retomaremos esta questão, mas antes disso, voltemos à segunda parte da questão apresentada no início deste artigo: pode-se encontrar respaldo na teoria marxista para a explicação da crise ambiental?

3. A Crise Ambiental e a Atualidade de Marx.

Antes de tratar da “questão ambiental em Marx”, ou da validade ou não da teoria marxista na discussão da crise ambiental, é preciso contextualizar, tanto a questão ambiental, como o pensamento de Marx. Se é verdade que a reflexão sobre a relação entre as atividades humanas e os ecossistemas não é recente como assinala o professor Alexandre Kiss⁹ quando afirma que “sempre houve preocupações relativas aos recursos naturais dos quais os homens dispõem”, citando exemplos da antiguidade e mesmo da pré-história, também é verdade que é apenas nas décadas de 60 e 70 (do século XX), diante da consequência que o progresso técnico e o crescimento econômico desenfreado estavam trazendo ao meio ambiente, que a questão ambiental vai ganhar espaço. Para precisar ainda mais, foi a Primeira Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente¹⁰, realizada em 1972 em Estocolmo, que colocou, efetivamente, o meio ambiente na agenda internacional.

⁸ No site de “Espaces Marx”: <http://www.espaces-marx.net>

⁹ KISS, Alexandre. Du régional à l'universel: la généralisation des préoccupations environnementales. La Revue Internationale et Stratégique -IRIS- n° 60 hiver 2005/2006 p. 84-9

¹⁰ Na verdade, esta conferência foi precedida pelo encontro de Founex em 1971, chamado pelos organizadores de Estocolmo para discutir, pela primeira vez, as dependências entre meio ambiente e desenvolvimento, e foi seguida de uma série de encontros e relatórios internacionais que culminaram, 20 anos depois, com o Encontro da Terra no Rio de Janeiro - a Rio 92.

Portanto, a questão ambiental não possuía, à época de Marx, a dimensão e a urgência que hoje possui. Na verdade, a proteção ao meio ambiente ganhou amplitude mundial e passou a ser devidamente reconhecida, a partir do momento em que a degradação ambiental atingiu índices alarmantes.

Mas, se a temática ambiental não era central na obra de Marx, dado que a sua preocupação foi com a crítica radicalmente fundamentada ao capitalismo, não significa que a sua teoria e o conjunto de categorias por ele criadas, não possam contribuir para o debate e a análise da questão ambiental na atualidade.

Dentre os autores que escrevem sobre a questão ambiental, é comum a referência ao marxismo como uma teoria e uma filosofia que nada têm a contribuir para essa discussão. O marxismo é visto por eles como produtivista, antropocêntrico e desinteressado pelo valor que a natureza possa apresentar. Porém, Guilherme Folladori corretamente adverte que em 1999, foram publicados nos Estados Unidos dois livros (considerados por ele como obras complementares) que demonstram o equívoco de tal visão. Trata-se dos livros de autoria de Paul Burkett, “Marx and nature. A red and green perspective”, que trata, basicamente, da teoria econômica de Marx em relação à natureza, e o livro de John Bellamy Foster, “Marx’s ecology. Materialism and nature”,¹¹ um estudo das raízes filosóficas e do método do materialismo histórico em relação à natureza, que colocam o método e a teoria marxista em seu devido lugar em relação à questão ambiental¹².

De sua parte, Jean-Marie Harribey¹³ rebate a ideia de que a reivindicação de transformação social, com base nas concepções marxistas seria obsoleta, e que o "ecologismo" enquanto movimento estaria sendo chamado a substituir como paradigma o da transformação social. O economista se contrapõe a esta ideia, pois, no seu entendimento, é a acumulação capitalista que, na verdade, está na origem da degradação tanto do campo social, como do ambiental. E assim, as ideias de Marx continuam sendo

¹¹ Publicado no Brasil como “A Ecologia de Marx: Materialismo e Natureza”, pela editora Civilização Brasileira.

¹² FOLLADORI G. O metabolismo com a natureza. Revista Crítica Marxista (online) p.105-117, disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/05folad.pdf> acesso em 8/02/2011.

¹³ HARRIBEY, Jean-Marie. Rapports sociaux et écologie: hiérarchie ou dialectique? Congrès Marx International IV: Guerre impériale, guerre sociale. Université ParisX Nanterre – Sorbonne, de 30/9 a 2/10 de 2004. Oficina Ecologie: Capitalisme, environnement, développement. Conferência disponível em <http://www.canalc2.tv/video.asp?idvideo> acesso em 10/11/2010

um importante instrumento de análise e enfrentamento da degradação social e ambiental.

Para o catedrático de Economia Política da Universidade Livre de Berlim, Elmar Altvater “o conceito marxista da relação natureza-homem é muito mais apropriado do que outros conceitos para compreender as contradições e a dinâmica da relação social entre ser humano e natureza, quer dizer, da relação entre a economia, a sociedade e o meio-ambiente”¹⁴

Paulo Burkett, acima citado, explica¹⁵ que, segundo Marx, a acumulação do capital requer, não apenas força de trabalho para explorar, mas também condições naturais e materiais que, por sua vez, permitem a exploração da força de trabalho e que o trabalho excedente seja materializado e incorporado em mercadorias. Isto ajuda a explicar porque o capitalismo tem sido tão ecologicamente destrutivo ao longo da sua história e porque atualmente está colocando em risco a própria habitabilidade humana no planeta. Em suma, longe de ser antiecológica, a análise crítica da valorização capitalista executada por Marx é essencial para uma compreensão adequada das crises ambientais contemporâneas.

Retornemos, então, à questão do capital fictício gerado pela financeirização que submete o sistema econômico aos imperativos da lógica financeira da acumulação e faz com que “tudo seja dinheiro” (como observou acima o professor Benjamin), para estabelecermos novos links entre a crise do capitalismo e a crise ambiental.

4. Tudo é mercadoria no mundo das necessidades “fabricadas”

Ao afirmar que tudo é dinheiro e que tudo se transforma em mercadoria o professor César Benjamin apresenta a constatação seguinte:

Estamos finalmente em um sistema-mundo em que tudo é mercadoria, em que se produz loucamente para consumir mais loucamente, e se consome loucamente para se produzir ainda mais loucamente. Produz-se por dinheiro, especula-se por dinheiro, faz-se guerra por dinheiro,

¹⁴ ALTVATER, Elmar. Existe um marxismo ecológico? Trad. Rodrigo Rodrigues. In: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. BORON, A.; AMADEO, J.; GONZALES, S. (org.)-2007. Disponível online em <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt> acesso em 1/2/2011

¹⁵ Em entrevista realizada por João Aguiar para odiarrio.info. Marxismo e Ecologia: entrevista com Paulo Burkett. disponível em <http://asvinhasdaira.wordpress.com/2007/07/25/marxismo-e-ecologia-entrevista-com-paul-burkett> acesso em 4/02/2011

corrompe-se por dinheiro, organiza-se toda a vida social por dinheiro, só se pensa em dinheiro. Cultua-se o dinheiro, o verdadeiro deus da nossa época – um deus indiferente aos homens, inimigo da arte, da cultura da solidariedade da ética, da vida, do espírito, do amor. Um deus que se tornou imensamente mediocrizante e destrutivo. E que é incansável pois a acumulação de riqueza abstrata é, por definição, um processo sem limites.¹⁶

Esta citação nos permite continuar refletindo sobre as relações existentes entre a crise do capitalismo e a crise ambiental, visto que a natureza não está fora da lógica deste mundo onde “tudo se transforma em mercadoria” e onde, segundo Leff e Kurtz, há uma “privatização da natureza”, pois tudo é reduzível a um valor de mercado e representado nos códigos do capital e os potenciais da natureza adotam a forma de “capital natural.”¹⁷ Para Kurtz¹⁸, a economia moderna é totalitária, pois tem uma pretensão total sobre o mundo natural e social e como sua lógica consiste única e exclusivamente na valorização permanente do dinheiro, ela tem de odiar tudo o que não assume a forma de um preço monetário, assim, não deve haver nada mais debaixo do céu que seja gratuito e exista por natureza.

“Mercadoria” é uma categoria-chave em Marx. N’ “O Capital”, ele adota como ponto de partida a mercadoria¹⁹, responsável pela reorganização da sociedade humana. A expansão desse mundo ocorreu com a transformação de todos os bens em mercadorias – bens materiais e simbólicos e, partir daí, o mundo se concentra em aumentar produção para o consumo de mercadorias, criando sempre novas necessidades, e buscando, ainda, um programa contínuo para encurtar tempo de acúmulo de riqueza.

Como se pode ver, para alimentar este processo é necessário aumentar o consumo e, para aumentar o consumo é preciso criar novas necessidades. “Necessidade” é outra categoria-chave em Marx e também para a análise da questão ambiental, pois o princípio do desenvolvimento sustentável determina que os recursos naturais devam ser utilizados “buscando atender às necessidades do presente sem comprometer a

¹⁶ Op cit p 88

¹⁷ LEFF, Enrique. Saber Ambiental: Sustentabilidad, racionalidad, complejidad, poder, 4 ed. Madrid: Siglo XXI editores, 2004

¹⁸ KURTZ, Robert. A privatização do mundo. O original encontra-se em <http://www.krisis.org> ("Die Privatisierung der Welt") e a tradução de Luís Repa foi publicada na Folha de São Paulo de 14/Jul/02. Disponível online em <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz102.htm> acesso em 2/02/2011

¹⁹ MARX, K. A mercadoria-volume I parte I D. O Capital. Disponível online no site Marxists'internet archives: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap01.htm> acesso em 3/4/2011

possibilidade de as gerações futuras atenderem às suas próprias necessidades”²⁰ sendo, para isso, necessário um equilíbrio entre as dimensões econômica, social e ambiental do desenvolvimento.

O que resta saber é quais são as “necessidades” das gerações presentes e, mais ainda, quais serão as necessidades das gerações futuras? São as necessidades humanas ou as do capital que devem ser atendidas? Que tipo de “necessidades” devem ser atendidas para que se possa manter o equilíbrio ecológico? A partir destas questões daria pra desenvolver uma tese²¹, mas, de forma sintética pode-se dizer que existe um “escalonamento”²² no campo das necessidades que vai das necessidades básicas (relacionadas á própria sobrevivência do ser humano), passando por necessidades que são “socialmente construídas”, chegando àquelas que são “propositalmente criadas” ou impostas pela lógica da dominação, das quais nos fala Marcuse²³.

Marx chamava a atenção para o fato de que estavam sendo criadas necessidades sociais que, à medida que eram satisfeitas, obstruíam cada vez mais o caminho dos seres humanos rumo ao “reino da liberdade”²⁴ pois essas novas necessidades desenvolvidas

20 Conceito cunhado no Relatório Brundtland que se constituiu no princípio 4 da Rio 92. Ver: Relatório Brundtland- Nosso futuro comum. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2 ed. 1991; Declaração sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio de Janeiro, 1992) disponível em http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/20030625102846/20030625104533 acesso em 01/02/2011

²¹ Trabalhamos um pouco esta temática em um artigo intitulado “O direito à qualidade de vida e o consumo sustentável como indicador de qualidade de vida”. Revista do Curso de Direito da Faculdade da Serra Gaúcha, v. 5, p. 113-124, 2009.

²² Que pode variar segundo fatores históricos, culturais, sociais, etc. O psicólogo norte americano Abraham Maslow, por exemplo, criou a chamada “Teoria da Hierarquia das Necessidades” que pode ser visualizada através de uma pirâmide que, da base para o topo estaria assim estruturada: necessidades fisiológicas, necessidades de segurança, necessidades sociais, necessidades de autoestima e necessidades de autorrealização. Assim, na base da pirâmide, estariam as necessidades fisiológicas que constituem o nível mais baixo de todas as necessidades humanas, mas de vital importância e, no topo, as necessidades de autorrealização que seriam as necessidades humanas mais elevadas e que permitiriam a cada pessoa identificar o seu próprio potencial e autodesenvolver-se continuamente. ver em MASLOW, A. Motivation and Personality, 2 ed., Harper & Row, 1974

²³ MARCUSE, Herbert. A Ideologia da sociedade industrial. 5 a. ed. Tradução: Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1979

²⁴ Em O Capital, Marx irá trabalhar com a contraposição do “reino da liberdade” e “reino da necessidade” afirmando que o reino da liberdade só começa, de fato, onde cessa o trabalho determinado pela necessidade. Assim como o selvagem tem de lutar com a Natureza para satisfazer suas necessidades, para manter e reproduzir sua vida, também o civilizado tem de fazê-lo, e tem de fazê-lo em todas as formas de sociedade e sob todos os modos de produção possíveis. Com seu desenvolvimento, amplia-se esse reino da necessidade natural, pois se ampliam as necessidades; mas, ao mesmo tempo, ampliam-se as forças produtivas que as satisfazem. Nesse terreno, a liberdade só pode consistir em que o homem social, os produtores associados, regulem racionalmente esse seu metabolismo com a Natureza, trazendo-o para seu

na e pela sociedade capitalista reforçam relações e estruturas sociais de exploração e de dominação. Advertia Marx que o capital estimula uma série de necessidades, não com o objetivo de promover o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, mas apenas com o fito de atender a única necessidade que realmente importa ao capital: valorizar-se, ampliar-se.

Nos “Manuscritos Econômicos Filosóficos”²⁵, Marx faz a conexão da essência humana com o mundo material e chama a atenção para as verdadeiras necessidades do homem, que são as que partem de dentro do ser e cuja satisfação levam ao verdadeiro gozo e prazer. Segundo ele, quando um indivíduo atende a um chamado do mercado, obtém um gozo, porém, este está subordinado ao capital. O prazer passa a estar fora do indivíduo.

No mundo das “necessidades fabricadas” o prazer encontra-se cada vez mais “fora do indivíduo” e a fetichização da mercadoria é cada vez maior. As mercadorias valem cada vez mais pelo seu valor de troca do que de uso²⁶ e o caráter místico da mercadoria não provém, pois, do seu valor de uso. Expostas no altar do deus mercado são objetos de adoração, sendo atribuído a elas um valor simbólico, quase divino. E, assim, as pessoas não compram o real, mas sim a transcendência que determinado produto simboliza. Por isso é que, por vezes, quem compra uma marca está comprando a própria identidade.

Mas, que implicações têm tudo isso no equilíbrio ambiental, ou melhor, que implicações têm tudo isso na denominada crise ambiental?

Evidentemente que para manter a roda deste modelo de produção e consumo girando, não há recursos naturais que cheguem a tempo, nem para as presentes e, muito menos, para as futuras gerações. Como afirmou Geneviève Azam²⁷ “o capitalismo é um processo de “des” civilização, onde o crescimento das forças produtivas transformou-se

controle comunitário. MARX, K. O capital. 5 vol., São Paulo: Abril Cultural, 1983, p.273 (Os Economistas).

²⁵ MARX, K. *Manuscritos Econômicos Filosóficos*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

²⁶ Segundo Marx, o valor de uso está relacionado à utilidade da mercadoria, é baseado nas características da mercadoria que permitem a ela satisfazer as necessidades humanas. Ou seja, o valor de uso é diretamente a base material onde se apresenta uma relação econômica determinada: o valor de troca. E a base do valor de troca, ou do valor propriamente dito, é o trabalho humano necessário para produzir essas mercadorias. Marx vai nos mostrar que, de forma alguma, ocorre uma troca equivalente no processo de compra e venda da força de trabalho: o que ocorre é o fetiche da mercadoria, de modo que o produto direto do trabalho (sob a forma de mercadoria), o próprio capital e as relações sociais que ele engendra, “parecem dotados de vida própria, figuras autônomas, que mantêm relações entre si e com os homens” e que fazem as relações próprias do capitalismo parecerem como naturais e eternas. MARX, Karl. O Capital, Livro I Capítulo I op cit.

²⁷ Na abertura do colóquio “Une crise de civilisation?”, já citado.

em forças destrutivas”, e a montanha de detritos que criamos a cada dia é a prova concreta disto.

Portanto, essa sujeição de toda a atividade humana ao domínio da mercadoria, faz com que as forças produtivas tornem-se “forças destrutivas” e gerem conseqüentemente, a crise ambiental em que vivemos.

5. Modo de produção capitalista: quando as forças produtivas viram forças destrutivas

O modo de produção capitalista estendeu-se a todo o planeta sujeitando progressivamente ao domínio da mercadoria todas as atividades humanas. Mas, para o economista Jean-Marie Harribey²⁸, é a primeira vez na sua história que o capitalismo produz duas importantes degradações simultâneas: a primeira é de ordem social, pois, apesar de um crescimento considerável das riquezas produzidas, a pobreza e a miséria não recuam no mundo; já a segunda, diz respeito à natureza e aos ecossistemas gravemente atingidos ou ameaçados pelo esgotamento de certos recursos não renováveis e por poluições de toda a espécie.

Para Harribey a origem desta crise ecológica é sem dúvida o modo de desenvolvimento industrial conduzido sem outro critério de julgamento que não seja o da rentabilidade máxima do capital investido, mas cuja legitimidade é assegurada pela ideologia, segundo a qual, o crescimento da produção e do consumo é sinônimo de melhoria do bem-estar de que todos os habitantes do planeta se beneficiariam a mais ou menos longo prazo.

Para Guillermo Foladori²⁹, a origem da crise ambiental encontra-se no tipo de relações sociais de produção. Segundo ele, antes de culpar a indústria e o avanço tecnológico, deve-se buscar a causa primeira da crise ambiental no tipo de relações sociais de produção, visto que a produção capitalista inaugurou um sistema cujo objetivo não é a satisfação direta das necessidades, mas a obtenção de um lucro em dinheiro, através da

²⁸ Marxismo ecológico ou ecologia política marxiana? Disponível em

http://www.hdbr.org.br/data/site/uploads/arquivos/Marxismo_pdf acesso em 5/02/2011

²⁹ O capitalismo e a crise ambiental. Revista Raízes, Ano XVIII, Nº 19, maio/99 p 31-36 Disponível online em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_08.pdf acesso em 10/02/2011.

concorrência no mercado. Neste processo uns ganham enquanto outros perdem e não há forma alguma de que todos ganhem simultaneamente.

Foladori se contrapõe às críticas do movimento ambientalista que atribui ao crescimento ilimitado da produção na sociedade moderna a causa da degradação ambiental também ilimitada, mas sem fazer a crítica à organização capitalista da sociedade humana.

Adverte o autor acima citado que esta tendência ilimitada à produção não é uma consequência natural da espécie humana, e sim, particular da produção capitalista. A concepção divulgada pela economia neoclássica Keynesiana de que o ser humano tem “necessidades ilimitadas”, segundo o autor, jamais foi comprovada. Pelo contrário, tanto a história econômica como a antropologia têm mostrado este equívoco, pois a tendência à produção ilimitada é o resultado direto e necessário de uma organização econômica que gira em torno da produção de lucro e não da satisfação das necessidades. Por esta razão é impossível entender a crise ambiental sem partir da compreensão da dinâmica econômica da sociedade capitalista, e por isso também, resultam fúteis as críticas à produção ilimitada que não encaram as críticas à organização capitalista da sociedade.

A questão que resta, e que não temos a pretensão de responder, mas de deixar alguns pontos para reflexão e debate, é: Se a origem da crise ambiental está no ligada à dinâmica e ao modo de produção capitalista seria possível sair da crise sem sair do capitalismo?

6. Considerações finais: Sair da crise ambiental sem sair do capitalismo em crise?

Neste subtítulo parodiamos o economista egípcio Samir Amin que levantou a questão: Sair da crise do capitalismo ou sair do capitalismo em crise? ³⁰ citada durante o colóquio “Une crise de civilisation?” ao qual já fizemos referência.

Se a resposta é que não se pode sair da crise do sistema sem sair do sistema, também não se pode afirmar que a atual crise nos conduzirá, finalmente, à derrocada do sistema

³⁰ AMIN, Samir. Sortir du capitalisme en crise. In: Connaître Marx. La Pensée, N°360, Out/Dez 2009, p 69-77

capitalista. Infelizmente, o modo de produção capitalista poderá sobreviver a esta fase e, eventualmente, se reconstruir em novas bases³¹. É uma ilusão crer que a consequência “natural” desta crise é que o sistema de produção capitalista venha a desmoronar como um castelo de cartas.

De outra parte, não basta dizer se o capitalismo está em crise - a questão é saber o que vai substituir este sistema e que estratégias podem ser construídas no curto, médio e longo prazo - e esta é uma luta política que também deve levar em consideração o poder de reagir de cada país.

De qualquer sorte, é preciso avançar nas contradições do sistema para ultrapassá-lo, pois como afirma Paul Boccara, no ambiente de crise do capitalismo crescem as oportunidades de transformação. Para isso é necessário intensificar a luta por novas relações políticas, demográficas e culturais. É preciso ultrapassar as atuais relações de mercados, as formas de delegação de poder e buscar o compartilhamento de toda a humanidade para favorecer as atividades sociais livres de cada ser humano.³²

Portanto, se a crise que estamos vivendo é uma crise de civilização conforme o entendimento de muitos, a questão é saber que civilização queremos construir: A do crescimento eterno ou a do planejamento democrático da vida? A da satisfação das necessidades materiais e imateriais humanas ou do capital?

Trazendo esta reflexão para o campo ambiental, é lógico dizer que, com base nas ideias trabalhadas até aqui, também não se pode sair da crise ambiental sem sair da crise do capitalismo, ou melhor, sem sair do capitalismo em crise. Como se tentou mostrar, a crise ambiental é resultante um modo de produção, ou de um modo de vida que confunde “qualidade de vida com quantidade de coisas”, no dizer de Galeano.

No entanto, o fato de não guardarmos ilusões sobre a possibilidade de “ecologizar o capitalismo”³³ e compartilhamos da tese de que existe uma incompatibilidade entre o

³¹ Como advertem os professores de economia Reinaldo Antônio Carcanholo e Mauricio de Sousa Sabadini. em publicação dedicada à análise da Crise 2008-2011- “Interpretation théorique de la crise capitaliste actuelle”. La Pensée n° 364 Out/Dez 2010 p.7-21. Fondation Gabriel Péri

³² Ideia apresentada no lançamento de um livro sobre a crise internacional em evento promovido pela Fondation Gabriel Péri e a Editora Le Temps des Cerises, na Assembléia Nacional da França, em Paris, no dia 14/02/2011. Neste livro e economista francês é autor do texto Transformation et crise du capitalisme mondialisé. In: Groupons-nous et demain! La crise internationale et les alternatives de gauche”. Paris: Le Temps des Cerises, 2010.

³³ Segundo Chesnais e Serfati, a ausência de uma postura anticapitalista levou a maioria dos Partidos Verdes europeus a se tornarem simples parceiros “ecorreformistas” da gestão social-liberal do

meio ambiente ecologicamente equilibrado - garantido em várias constituições como um direito fundamental - e o modo de produção capitalista³⁴, não significa que não se possa empreender combates por reformas imediatas “no” capitalismo buscando construir caminhos que conduzam “para além” do capitalismo.

REFERÊNCIAS

ALTVATER, Elmar. Existe um marxismo ecológico? Trad. Rodrigo Rodrigues In: A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. BORON, A.; AMADEO, J;

GONZALES, S. (org.)-2007 Disponível em:
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/campus/marxispt> aceso em 1/2/2011.

AMIN, Samir. Sortir du capitalisme en crise. in: Connaître Marx. La Pensée, N°360, Out/Dez 2009, p 69-77.

AZAM, Geneviève. Colóquio “Une Crise de civilisation?” 28-29 enero 2011, Paris, França. Disponível em: <<http://www.espaces-marx.net>>.

BENJAMIN, César. Relendo Marx. Revista Princípios - Especial n° 100 - Crise para onde vão o mundo e o Brasil? Março/Abril, 200 p. 84-88.

BOCCARA, Paul. Transformation et crise du capitalisme mondialisé. In: Groupons-nous et demain! “La crise internationale et les alternatives de gauche”. Paris: Le Temps des Cerises, 2010.

BURKETT, Paulo. Marxismo e Ecologia: entrevista com Paulo Burkett. Disponível em: <<http://asvinhasdaira.wordpress.com/2007/07/25/marxismo-e-ecologia-entrevista-com-paul-burkett>>. Acesso em 4/02/2011.

CARCANHOLO, Reinaldo Antônio; SABADINI, Mauricio de Sousa. “Interpretation Théorique de la crise capitaliste actuelle”. La Pensée n° 364 Out/dez 2010, p.7-21.

capitalismo. Ver CHESNAIS, François e SERTAFI, Claude. “Ecologia” e condições físicas da reprodução social: alguns fios condutores marxistas. In Revista Crítica Marxista, n° 16. São Paulo: Boitempo março-2003. Também disponível em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista> acesso em outubro de 2005

³⁴ Ver sobre este tema TANURO, Daniel. L'impossible capitalisme vert. Paris: Éditions La Découverte, 2010.

CHESNAIS, François e SERTAFLI, Claude. “Ecologia” e condições físicas da reprodução social: alguns fios condutores marxistas. Revista Crítica Marxista, nº 16. São Paulo: Boitempo março-2003. Online em <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista>. Acesso em outubro de 2005.

Declaração sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Rio de Janeiro, 1992).

Disponível em:

http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/20030625102846/20030625104533 acesso em 01/02/2011

FOLADORI, Guillermo. O capitalismo e a crise ambiental. Revista Raízes, Ano XVIII, Nº 19, maio/99 p 31 a 36. Disponível em:

http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/05/out5_08.pdf acesso em 10/02/2011.

FOLLADORI G. O metabolismo com a natureza. Revista Crítica Marxista (online) p.105-117. Disponível em: <http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/05folad.pdf> acesso em 8/02/2011.

FOSTER, John Bellamy “A Ecologia de Marx: Materialismo e Natureza”, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

HARRIBEY, Jean-Marie. Marxismo ecológico ou ecologia política marxiana?

Disponível em <http://www.hdbr.org.br/data/site/uploads/arquivos/Marxismo...pdf> acesso em 5/02/2011.

HARRIBEY, Jean-Marie. Rapports sociaux et écologie: hiérarchie ou dialectique? Congrès Marx International IV: Guerre impériale, guerre sociale. Universidade ParisX Nanterre – Sorbonne, de 30/9 a 2/10 de 2004. Oficina Ecologie: Capitalisme, environnement, développement. Conferência disponível em:

<http://www.canalc2.tv/video.asp?idvideo>. Acesso em 10/11/2010.

HOBSBAWN, Eric. A crise do capitalismo e a importância atual de Marx. Entrevista disponível em: <http://historiaemprojetos.blogspot.com/2008/09/entrevista-eric-hobsbawm.ht>.

IASI, Mauro Luis. “Marx e a crise: os fantasmas agora são eles”. Disponível em http://www.socialismo.org.br/portal/images/stories/documentos/Marx_e_a_crise.pdf acesso em 5/2/2011.

KISS, Alexandre. Du régional à l'universel: la généralisation des préoccupations environnementales. La Revue Internationale et Stratégique -IRIS- n° 60 hiver 2005/2006 p. 84-91.

KURTZ, Robert. A privatização do mundo. <http://www.krisis.org> ("Die Privatisierung der Welt") trad. Luís Repa. Disponível em: <http://obeco.planetaclix.pt/rkurz102.htm>. Acesso em 2/02/2011.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: Sustentabilidade, racionalidad, complejidad, poder, 4 ed. Madrid: Siglo XXI, 2004.

MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial. 5 a. ed. Tradução: Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

MARX, Karl. Consequências sociais do avanço tecnológico. Coleção Ciências Sociais, Série Materialismo Histórico, Vol. 1. São Paulo: Edições Populares, 1980.

_____. Manuscritos Econômicos Filosóficos. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. O Capital - Volume I Livro I. (Os Economistas) São Paulo: Editora Nova Cultura, 1996.

_____. O capital. 5 vol., São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Economistas).

_____. O Capital. Volume I, parte I, disponível online no site Marxists' internet archives. Disponível em: <http://www.marxists.org/portugues/marx/1867/ocapital-v1/vol1cap01.htm> . Acesso em 03/04/2011.

_____. Para a Crítica da Economia Política. In: Manuscritos Econômicos - Filosóficos e Outros Textos Escolhidos. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural. 1974.

MASLOW, A. Motivation and Personality, 2 ed., Harper & Row, 1974.

RELATÓRIO BRUNDTLAND - Nosso futuro comum. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2 ed. 1991.

SILVA, Maria B. O direito à qualidade de vida e o consumo sustentável como indicador de qualidade de vida. Revista do Curso de Direito da Faculdade da Serra Gaúcha, v. 5, 2009, p. 113-124.

_____ “O direito à qualidade de vida e o consumo sustentável como indicador de qualidade de vida”. Revista do Curso de Direito da Faculdade da Serra Gaúcha, v. 5, p. 113-124, 2009.

TANURO, Gabriel. L’Impossible capitalisme vert. Paris: Éditions La Découverte, 2010.